

GUERRA É GUERRA



A festa da vitória

Imigrantes italianos e alemães comemoraram

Farinha de trigo, só em Chavantes

Tudo era racionado: trigo, óleo, gasolina

Segunda guerra e o óleo de cozinha

A distribuição e as filas

Tempos de guerra: a solidariedade

Os vizinhos se ajudavam, sem preconceitos

O tanque de areia e o mundo

No mesmo instante, lá longe, grandes decisões



A festa da vitória

Joaquim Luiz Bessa Neto

A Segunda Guerra havia terminado.

Haveria, na Praça Mello Peixoto, grandes manifestações. Eu, aos seis anos, fui levado pelo meu pai para assistir à festa. Assistimos do Café Paulista.

Um desfile dava a volta na Praça, levando três caixões, com os nomes de Hitler, Mussolini e Hirohito. Todo mundo exaltando o fim da Guerra.

Ourinhos tinha muitos italianos e descendentes de italianos. Também alemães e seus descendentes. Grande parte deles estava no desfile.

Da colônia japonesa, para quem Hirohito era Deus, não sei se havia algum deles. (Mas, em pouco tempo, toda a colônia japonesa estava integrada na cidade, em todas as atividades.)

Poucos dias depois da festa, houve um grande apagão. Derrubaram uma torre de transmissão que vinha de Piraju. As más línguas logo disseram que tinha sido vingança do Hirohito.

Mas certamente foi só um acidente mesmo.





Farinha de trigo, só em Chavantes

Joaquim Luiz Bessa Neto

Segunda Guerra Mundial. A farinha de trigo era escassa, racionada. Pão era feito com farinha de mandioca ou milho. Minha mãe fazia pães de farinha de milho. Eu tinha 5 anos e lembro que ela detestava.

Correu a notícia de que em Chavantes uma padaria vendia farinha de trigo e pães de farinha de trigo.

Meu pai não tinha carro. Um amigo dele tinha, mas não adiantava: a gasolina era racionada. Mas havia uma cota de combustível para médicos. Meu pai pegou o carro emprestado do amigo e lá fomos nós para Chavantes comprar farinha. Era por uma estradinha municipal, de terra, que seguia paralela à ferrovia.

Descemos em uma padaria, compramos pão e farinha. Minha mãe, pelo menos por um tempo, livrou-se do pão de farinha de milho.

Ourinhos, naquele tempo, era uma cidade menor. Menor que Chavantes, menor que Santa Cruz, menor que Jacarezinho, menor que Cambará, menor que Assis.





Segunda guerra e o óleo de cozinha

José Carlos Marão

O racionamento de óleo durou ainda alguns anos depois da guerra.

Quando chegava o óleo de cozinha, era distribuído pela Prefeitura, que ficava naquele prédio velho, na esquina da Altino Arantes com Cardoso Ribeiro, na frente da casa do doutor Hermelino.

A fila começava ali e se estendia pela Cardoso Ribeiro até dobrar a esquina da rua Paraná.

A gente é que tinha que levar o vasilhame. O óleo vinha em tambores. Não lembro direito do regulamento. Sei que eram permitidos dois litros por pessoa. E não dois litros por família.

Então, eu, nos meus 7 anos, fui lá prá fila, levando dois litros vazios que eu mal conseguia carregar depois de cheios. Mas morava perto, na própria Cardoso, a uns poucos metros da Prefeitura.

Já o Agenor Rossignoli, que deveria ter a mesma idade, conta que chegou em casa chorando: tinha deixado cair um dos litros.





Muito depois soube, pelo poeta Joel Guardiano (celebrado professor universitário em Curitiba) que a molecada lá da rua Duque de Caxias, muito mais esperta que a turma lá de cima da linha, soube tirar proveito da necessidade de óleo das casas.

Arrumaram litros vazios, lavaram e foram para a fila oferecer seus préstimos. Por qualquer “dois merréis” ficavam na fila para aqueles que queriam aumentar seu estoque de óleo em casa.





Tempos de guerra: a solidariedade

Ana Lúcia Chiaradia

Mudamos para Ourinhos em maio de 1940: plena segunda guerra.

Logo fomos morar na 9 de Julho, quase esquina da Expedicionário. Eram nossos vizinhos o Seu Menezes e família, dona Maria Beltrami, dona Hercília, Dona Zelinda Abuhamad. Em frente, moravam seu Romeu do cinema e o Beibe da loja.

Éramos, todos, bons vizinhos.

Não me lembro o que comíamos, mas me lembro do tempo da escassez de comida. Penso que havia também escassez de notícias.

Não havia rusgas racistas. Dona Ana, judia casada com o Beibe, também judeu, recebia ligações no telefone (número 5) da dona Zelinda Abuhamad, descendente de árabes.

A dona Zelinda era de família muito rica. Tinha várias fazendas. Ela recebia muita coisa das fazendas. Coisas de comer.





Arroz, feijão, farinha de milho, galinha, carne de porco. Na guerra, ela aumentou a quantidade que vinha das fazendas e distribuía entre nós. Era uma festa receber manteiga. A gente cozinhava com banha.

E na dificuldade da guerra, os meninos iam caçar coelho para fazer em casa. Caçamos muito onde hoje é o correio. E, atravessando a linha de ferro, colhíamos muita serralha e uma outra verdura amarga da qual não me lembro o nome. Pegávamos agrião fresquinho e maravilhoso nos córregos.

Todos que tinham quintal plantavam alguma coisa. Acho que vem daí o meu gosto de fazer uma hortinha sempre que morei em casa. Hoje plantei pimentão num balde furado.





O tanque de areia e o mundo

Joaquim Luiz Bessa Neto

Tenho aqui uma foto da Praça Mello Peixoto feita nos anos 30.

O texto que acompanha a foto menciona, entre outras coisas, o tanque de areia para as crianças brincarem, que existiu por muitos anos em frente da Joalheria e Ótica Paris. Conheci o tal tanque, mas nunca cheguei a vê-lo cheio de areia.

Essa imagem me faz lembrar de outra foto, tirada por meu pai: minha mãe sentada na mureta que cercava o tanque e, ao lado, eu e o meu irmão mais novo, Alfredo.

O ano, provavelmente, 43 ou 44.

Churchill, nesse dia, conforme todos os registros históricos, planejava a ofensiva do “D”, enquanto fumava o seu “puro” entre goles de champanhe, em Downing Street 10.

O fenômeno é engraçado. De repente, uma foto provinciana congela o tempo.

No mesmo instante da foto, grandes decisões vão, de alguma forma, influenciar o futuro dos que estão ali retratados.





O tanque, durante a guerra, foi usado para receber sucata de metais, que as pessoas doavam para o esforço de guerra. Tambores, penicos, bacias, aros, latas e toda a sorte de utensílios atulhavam aquele espaço.

O racionamento, sobretudo de farinha de trigo, e a gasolina substituída pelo gasogênio, são memórias da infância de tempos caóticos. Fatos do momento grave que a gente vivia e que eu nem percebia.

Mais tarde, após a guerra, me lembro que o espaço do tanque virou rinque de patinação por algum tempo, até que na reforma de 1958 foi extinto de vez.

